

# NOTA DE INFORMAÇÃO ESTATÍSTICA



BANCO DE PORTUGAL  
EUROSISTEMA

N.º 10 • outubro 2014

## Resultados das empresas não financeiras da Central de Balanços – 2013 e 1.º semestre de 2014

Na presente edição do Boletim Estatístico, o Banco de Portugal divulga os resultados das empresas não financeiras da Central de Balanços<sup>1</sup> que incorporam os dados da Informação Empresarial Simplificada (IES) referentes a 2013 e os principais desenvolvimentos identificados para o ano acabado no segundo trimestre de 2014. São ainda introduzidas as alterações associadas ao novo Sistema Europeu de Contas Nacionais e Regionais na União Europeia (SEC 2010)<sup>2</sup> que se refletem, designadamente, na alteração do universo de referência do setor sociedades não financeiras, cujos efeitos serão igualmente referidos.

### Caracterização das empresas não financeiras

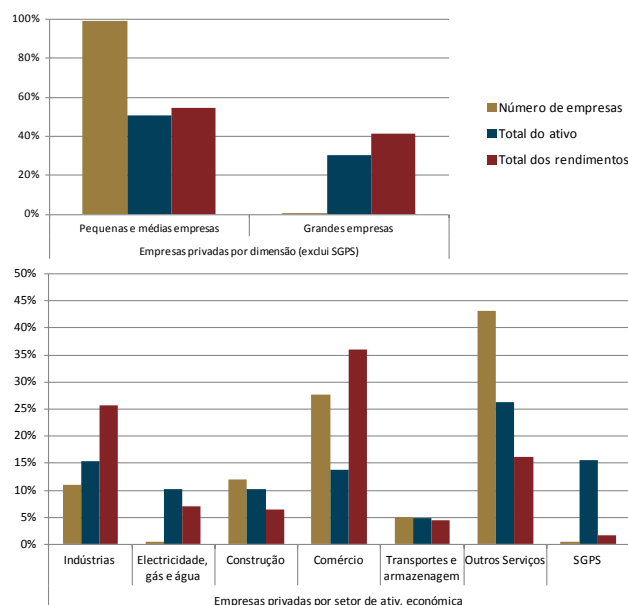
Em 2013, de acordo com as estimativas da Central de Balanços, existiam cerca de 370 mil empresas não financeiras em Portugal<sup>3</sup>. Este número não se alterou significativamente ao longo dos últimos anos. As “pequenas e médias empresas” representavam cerca de 99,2% das empresas não financeiras,

50,6% do *total do ativo* das sociedades não financeiras e 54,5% do *total dos rendimentos*<sup>4</sup> (Gráfico 1).

Cerca de 160 mil empresas, com um peso de 26,2% no *total do ativo* das empresas não financeiras, pertenciam ao agregado “outros serviços”, que inclui o alojamento e restauração, as atividades de informação e comunicação e as de consultoria técnica e administrativa, entre outras. O “comércio” era o setor com maior peso no *total dos rendimentos* (36%) (Gráfico 1).

Gráfico 1

Repartição por setor e dimensão das empresas em 2013



<sup>1</sup> As estatísticas da Central de Balanços têm subjacente uma metodologia de compilação que visa, a partir da informação recolhida junto de um conjunto de empresas, inferir os resultados para o universo das empresas não financeiras em Portugal. Para mais informação sobre a metodologia de compilação desta informação, aconselha-se a consulta do Suplemento 2/2013 ao Boletim Estatístico de outubro de 2013, disponível em <http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/PublicacoesEstatisticas/Biblioteca%20de%20Tumbnails/Suplemento-2-2013.pdf>.

<sup>2</sup> Mais informações sobre estas alterações podem ser encontradas em <http://www.bportugal.pt/pt-PT/Estatisticas/MetodologiasEstatisticas/AlteracoesMetodologicasSEC2010BPM6/Paginas/AlteracoesMetodologicasSEC2010BPM6.aspx> e na Nota de Informação Estatística N.º 11|2014.

<sup>3</sup> Não considerando as empresas da secção A da CAE – Rev3: Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca.

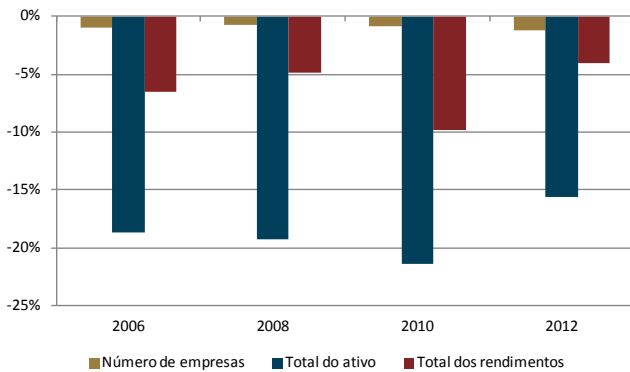
A implementação do SEC2010 alterou significativamente o universo das sociedades não financeiras implicando uma

<sup>4</sup> Rendimentos gerados pelas empresas, compostos pelo volume de negócios e outros proveitos operacionais e financeiros.

contração de cerca de 1% no *número de empresas*. Esta alteração teve maior impacto nas variáveis económicas e foi particularmente expressiva no *total do ativo* (Gráfico 2).

**Gráfico 2**

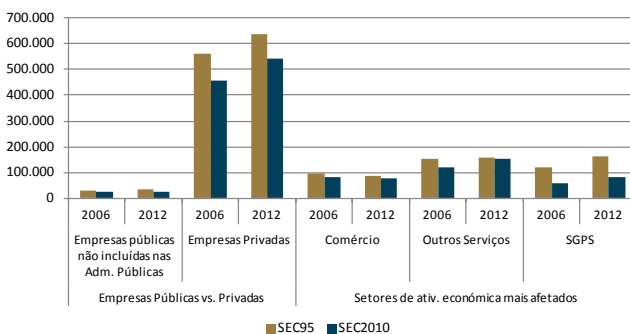
Impacto da alteração no setor das sociedades não financeiras: número de empresas, total do ativo e total dos rendimentos – diferença relativa em percentagem



A redefinição do universo de sociedades não financeiras teve implicações particularmente relevantes nos agregados das empresas públicas e das “sociedades gestoras de participações sociais” (SGPS), “comércio” e “outros serviços” (Gráfico 3). Nas empresas privadas, o impacto da reclassificação no “comércio” e “outros serviços” foi superior até 2010, ano a partir do qual se assistiu à deslocalização das empresas sediadas na Zona Franca da Madeira. Com a implementação do SEC 2010, uma parte significativa dessas empresas foi reclassificada no setor financeiro.

**Gráfico 3**

Alteração do setor das sociedades não financeiras - total do ativo por setor, em milhões de euros



## Estrutura do balanço

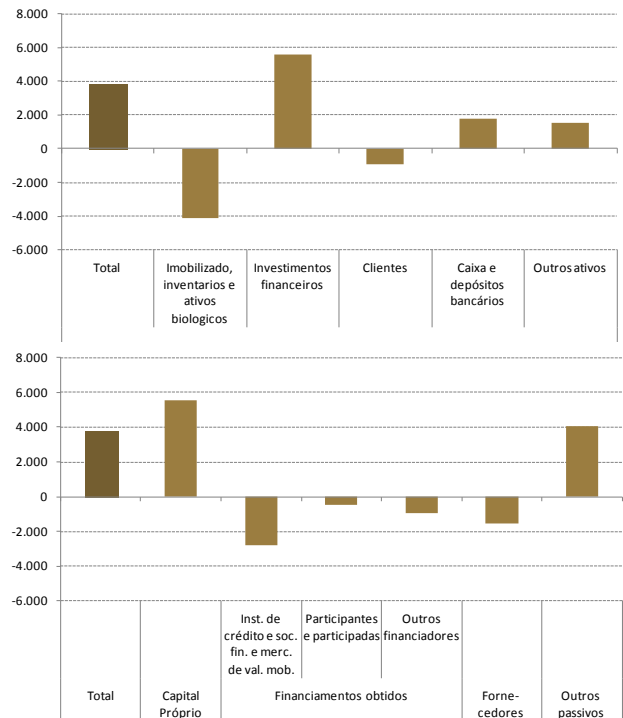
O total do balanço das empresas não financeiras em Portugal aumentou 3 779 milhões de euros em 2013, o que representa uma variação de 0,7% em relação ao ano anterior.

Relativamente aos *ativos*, o aumento do balanço das empresas não financeiras é determinado pelo aumento dos *investimentos financeiros*, parcialmente compensado pela redução de *imobilizado*, *inventários* e *ativos biológicos*.

No *capital próprio e passivo*, o aumento do balanço resulta do crescimento das componentes de *capital próprio* e de *outros passivos*, que compensam a redução dos *financiamentos obtidos* (Gráfico 4).

**Gráfico 4**

Decomposição da variação do balanço em 2013, por instrumento – em milhões de euros



A autonomia financeira (*capital próprio / total do ativo*) das empresas não financeiras em Portugal passou de 32,5% em 2012 para 33,3% em 2013.

O aumento da autonomia financeira foi observado na generalidade dos setores de atividade, com exceção das “SGPS”.

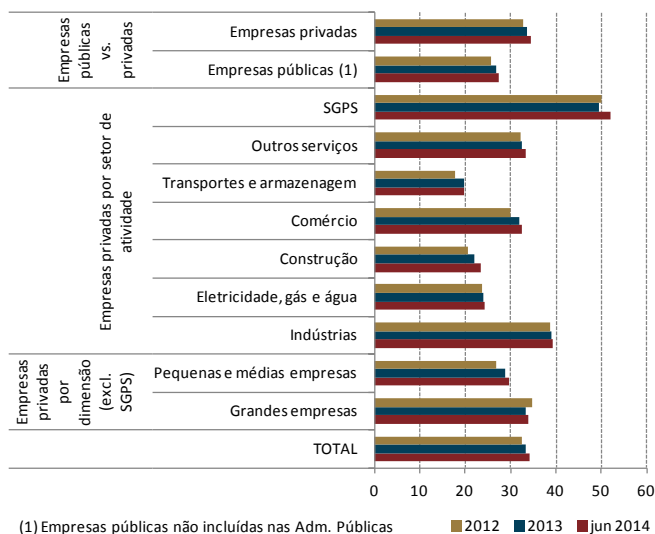
As “pequenas e médias empresas” registaram uma autonomia financeira de 28,7%, mais 1.9 p.p. do que em 2012.

A autonomia financeira das “grandes empresas”, embora mais elevada do que a das pequenas e médias empresas, diminuiu 1.4 p.p., para 33,4%.

De acordo com a informação disponível, em 2014, a autonomia financeira das empresas não financeiras voltou a aumentar, situando-se em 34,1% no final do primeiro semestre. Este aumento foi transversal a todos os setores de atividade, com exceção dos “transportes e armazenagem” (Gráfico 5).

**Gráfico 5**

Capital próprio / total do ativo – em percentagem



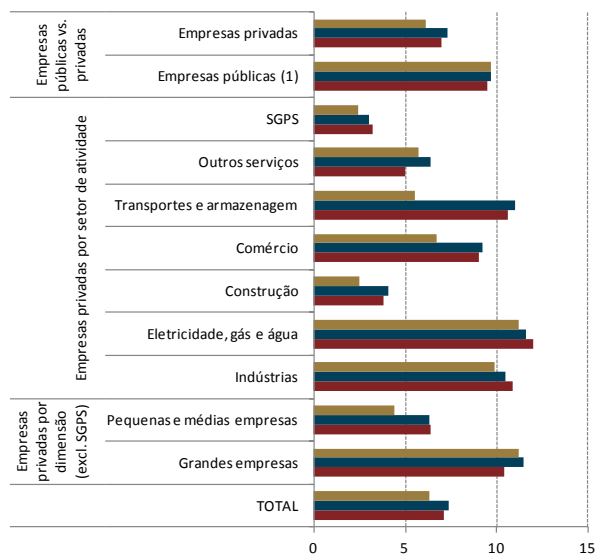
(1) Empresas públicas não incluídas nas Adm. Públicas

## Rendibilidade bruta do capital investido

Em 2013, a rendibilidade bruta do capital investido (*EBITDA*<sup>5</sup> / *capital investido*<sup>6</sup>) das empresas não financeiras aumentou 1,1 p.p., para 7,4% (Gráfico 6).

**Gráfico 6**

*EBITDA* / (*capital próprio + financiamentos obtidos*) – em percentagem



(1) Empresas públicas não incluídas nas Adm. Públicas

<sup>5</sup> O *EBITDA* corresponde ao resultado antes de depreciações e amortizações, de juros suportados e de impostos.

<sup>6</sup> O capital investido corresponde à soma do capital próprio com os financiamentos obtidos.

O aumento da rendibilidade do capital investido resulta da evolução do *EBITDA*. O *EBITDA* cresceu 17,8% em relação a 2012 (mais 4 648 milhões de euros). Todas as componentes do *EBITDA* contribuíram para este aumento (Gráfico 7).

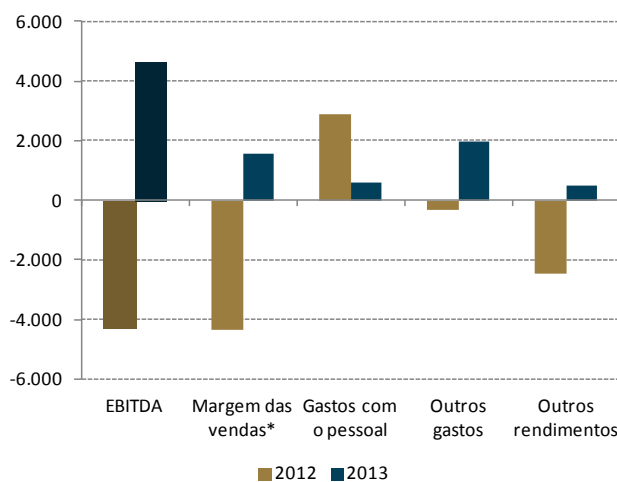
A informação disponível para 2014 (primeiro semestre) aponta para uma diminuição de 0,3 p.p. da rendibilidade do capital investido, para 7,1%.

A rendibilidade do capital investido aumentou, no entanto, nas “indústrias”, “eletricidade, gás e água” e “sociedades gestoras e participações sociais” e, por dimensão, nas “pequenas e médias empresas”.

A contração observada nos “outros serviços” e, por dimensão, nas “grandes empresas” resulta, em parte, da reestruturação em curso no setor das telecomunicações.

**Gráfico 7**

Decomposição da variação do *EBITDA* em 2012 e 2013, por instrumento – em milhões de euros



\* Margem das vendas = *Volume de negócios* – *custo das mercadorias vendidas e matérias consumidas* – *fornecimentos e serviços externos*

## Custo do financiamento e pressão financeira

O custo da dívida (*juros suportados / financiamentos obtidos*) manteve-se praticamente estável desde 2012 até ao final do segundo trimestre de 2014, em torno dos 4,3%. Em 2013, a pressão financeira<sup>7</sup> diminuiu, este decréscimo deveu-se ao aumento do *EBITDA* e à redução dos *juros suportados*. O rácio entre o *EBITDA* e os *juros suportados* passou de 2,7 em 2012 para 3,3 em 2013. Esta melhoria foi,

<sup>7</sup> Percentagem do *EBITDA* absorvida pelos juros suportados, inverso do rácio *EBITDA/juros suportados*.

no entanto, parcialmente revertida. No ano acabado no primeiro semestre de 2014, o rácio situava-se em 3,1.

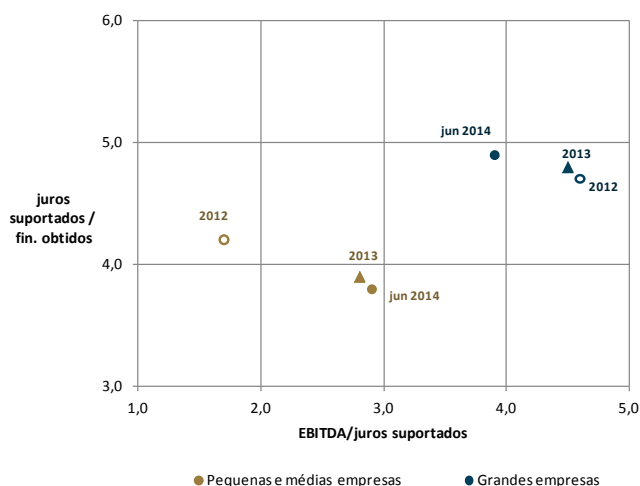
O custo da dívida das “pequenas e médias empresas” passou de 4,2%, em 2012, para 3,9%, em 2013, e voltou a reduzir-se no primeiro semestre de 2014, para 3,8%.

A pressão financeira das “pequenas e médias empresas” também diminuiu. O rácio entre o *EBITDA* e os *juros suportados* passou de 1,7, em 2012, para 2,8 em 2013 e 2,9 no final do primeiro semestre de 2014.

As “Grandes empresas” tiveram uma evolução oposta: o custo da dívida aumentou em 2013 e voltou a crescer no ano acabado no primeiro semestre de 2014. A pressão financeira também aumentou (Gráfico 8).

**Gráfico 8**

Juros suportados / financiamentos obtidos (em percentagem) e rácio *EBITDA* / juros suportados



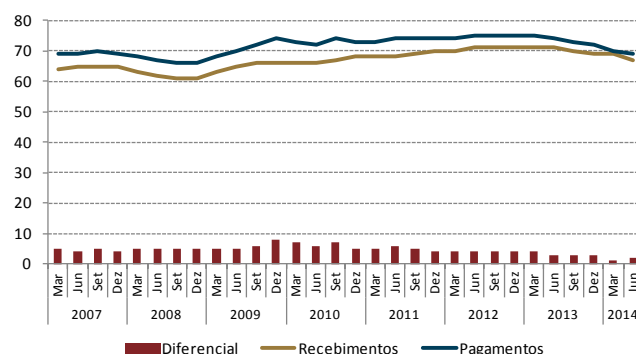
## Prazos médios de pagamentos e de recebimentos

Em 2013, os *prazos médios de pagamentos* e de *recebimentos* reduziram-se em 3 e 2 dias, respetivamente, situando-se, no final do ano, nos 72 dias, para os *pagamentos*, e nos 69 dias, para os *recebimentos*.

De acordo com a informação disponível, o diferencial entre o prazo médio de pagamentos e o prazo médio de recebimento também diminuiu para o ano terminado no primeiro semestre de 2014 (Gráfico 9).

**Gráfico 9**

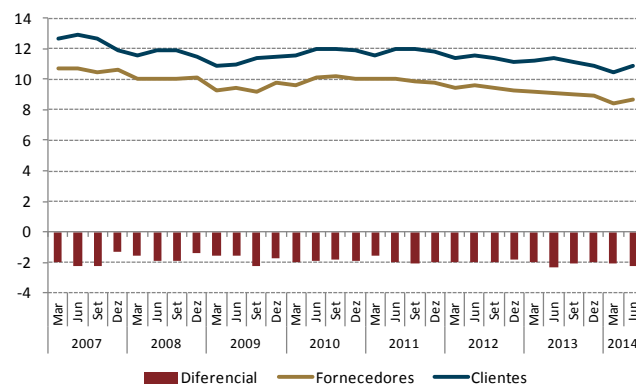
Prazos médios de pagamentos e de recebimentos (número de dias)



Apesar de o diferencial entre os prazos médios de pagamentos e de recebimentos ter diminuído, o financiamento líquido por dívida comercial<sup>8</sup> em percentagem do *total do ativo* manteve-se estável, em torno dos -2%, para o ano de 2013 e para o primeiro semestre de 2014 (Gráfico 10).

**Gráfico 10**

Peso dos fornecedores e dos clientes no total do ativo (em percentagem)



<sup>8</sup> Corresponde à diferença entre o saldo de *fornecedores* e o saldo de *clientes*.